



BOLETIM #10

**Envelhecimento na Região
Autónoma da Madeira**

Dezembro 2022



UMA INICIATIVA EAPN PORTUGAL

OBSERVATÓRIO
NACIONAL
luta contra a pobreza



UMA INICIATIVA EAPN PORTUGAL

OBSERVATÓRIO
NACIONAL
luta contra a pobreza

ENVELHECIMENTO NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA:

A OMS adotou o conceito de envelhecimento ativo no final do século XX¹ e definiu-o como um processo de otimização das oportunidades para a saúde, a participação e a segurança de forma a melhorar a qualidade de vida consoante as pessoas envelhecem.² Esta entidade sublinha que **o conceito de ativo não se refere apenas a uma capacidade de estar fisicamente ativo ou de participar no mercado de trabalho**, mas também, numa perspetiva mais abrangente, **a uma contínua participação social, cultural, espiritual e cívica**. Na base deste conceito estão princípios fundamentais de interdependência e de solidariedade intergeracional uma vez que o envelhecimento ocorre dentro de um contexto social. A qualidade de vida da população sénior irá depender dos riscos e oportunidades que vivenciaram ao longo da vida, assim como da forma como as gerações seguintes proporcionam apoio e assistência necessários.

O Índice de envelhecimento ativo, produzido pela UNECE (Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa), mede o potencial inexplorado das pessoas idosas para um envelhecimento ativo e saudável nos diferentes países. Este instrumento permite medir o nível com o qual esta população vive as suas vidas de forma independente, participam num trabalho pago e em atividades sociais, assim como as suas capacidades para um envelhecimento ativo. A medição deste índice olha para 22 indicadores agrupados em quatro dimensões específicas: emprego, a participação na sociedade (trabalho voluntário, participação política, cuidado às crianças e netos ou doentes e pessoas com incapacidades); vida independente, saudável e segura; e capacidade e ambiente favoráveis para envelhecimento ativo. Em 2018, segundo os últimos dados disponíveis Portugal tinha uma pontuação global de 33.5, sendo o 10º da União Europeia (28 Estados-Membros com menor pontuação). A média europeia era de 35.7. É na área da participação na sociedade que Portugal apresenta o seu pior resultado (11.9) sendo o 5º país com menor pontuação³.

O conceito de envelhecimento ativo foi gradualmente substituído pelo de envelhecimento saudável. Não está aqui em causa uma noção de saudável enquanto ausência de doença, mas sim da capacidade funcional que permite às pessoas idosas serem e fazerem o que considerarem relevante valorizar. Assim, em 2016, no âmbito da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é adotada a Estratégia global sobre envelhecimento e saúde e o seu plano de ação. Associada a esta estratégia é adotada pela ONU em 2020 a Década do Envelhecimento Saudável para período entre 2021 e 2030⁴. Esta resolução expressa uma preocupação pelo mundo não estar suficientemente preparado para responder aos direitos e às necessidades das pessoas idosas. Não

¹ OMS. 2002.

² OMS, 2002: 12

³ UNECE. 2019

⁴ Cruz, Paula. 2022

é suficiente adicionar anos à vida, é necessário adicionar uma melhor qualidade de vida a estes anos. Para promover uma melhor qualidade de vida e lidar com os desafios do envelhecimento da população, é essencial uma abordagem de toda a sociedade⁵.

DIMENSÕES ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL



Figura 1. Dimensões do Envelhecimento ativo e Saudável.

Esta capacidade é influenciada não só pela capacidade intrínseca do indivíduo, mas também pelo ambiente físico e social em que este habita. O foco da ação da sociedade deve ser a promoção destas condições. A **pobreza e a exclusão social são fenómenos que limitam a participação plena dos cidadãos em diferentes dimensões da vida em sociedade, tendo um impacto importante na qualidade de vida e na saúde das populações**. Vários indicadores do EU-SILC apontam para uma relação entre os baixos rendimentos e uma maior fragilidade ao nível da saúde, da saúde mental e da existência de necessidades de saúde não satisfeitas⁶. Outros estudos também demonstram esta relação. O relatório da OMS, por exemplo, refere o estudo de Guralnik & Kaplan (1989) que demonstra que **a população sénior com baixos rendimentos tem uma menor probabilidade de obter altos níveis de funcionamento (físico) do que a população que possui rendimentos elevados**. A diferença é elevada, com 16.2% dos entrevistados com rendimento familiar adequado ou muito adequado a obter um alto nível de funcionamento comparativamente com 2.8% dos entrevistados com rendimento quase insuficiente ou inadequado⁷.

A população com 65 anos ou mais é um grupo particularmente vulnerável à pobreza em Portugal. Até 2006, segundo os dados do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (ICOR), esta população possuía a maior taxa de risco de pobreza, distanciando-se de forma significativa face aos restantes grupos etários. Entre 2003 e 2006 a **taxa de risco de pobreza da população sénior chegou a ser 1.25 vezes mais elevada do que a população com menos de 18 anos e 1.74 vezes superior ao da população dos 18 aos 64 anos**. A partir de 2007, a pobreza infantil ganha destaque e a população idosa torna-se no segundo grupo etário com maior risco de pobreza.

⁵ OPAS. 2020

⁶ ONLCP. 2021

⁷ Guralnik, J.M. and Kaplan, G.A. 1989

Desde 2003 assistimos a uma tendência de redução do risco de pobreza entre os idosos que passou de 28.9%, segundo os rendimentos 2003, para 14.6% segundo rendimentos de 2012. Com efeito, as políticas sociais do início deste século contribuíram para um aumento do rendimento disponível entre os idosos. Paralelamente, assistimos a uma gradual renovação da população idosa através da entrada em idade de reforma de uma população com maior acesso às pensões do sistema contributivo que substituem progressivamente uma população com idades mais elevadas onde encontramos o peso das pensões com valores muito baixos, muitas vezes associados ao sistema não contributivo. **A conjugação destes dois fatores tem levado a uma consequente redução do risco de pobreza nesta faixa etária, percurso que é interrompido pela crise económica marcada pelo resgate financeiro internacional entre 2011 e 2014 e, mais recentemente, pela crise pandémica.** Em 2020, o risco de pobreza na população com mais de 65 anos atingia novamente mais de 1/5 da população sénior (20.1%).

Permanece, por isso, uma importante vulnerabilidade social e económica nesta população. Estão em causa questões essenciais tais como o isolamento (social e físico), a violência doméstica, as limitações às atividades diárias, os problemas de saúde, assim como a própria capacidade de consumo e de acesso aos serviços por parte desta população. Assim, por exemplo, desde 2017 que os dados da privação material e social apontam para os séniores como o grupo mais vulnerável nesta dimensão. Em 2021, 17.6% da população com mais de 65 anos vivia em privação material e social, comparativamente com 12.8% dos adultos entre os 18 e 64 anos e 10.6% das crianças com menos de 18 anos. Também nesse ano a Guarda Nacional Republicana (GNR)⁸, assinalou através da Operação Censos 2021 no território continental à sua responsabilidade mais de 44 mil idosos em situação de vulnerabilidade, nomeadamente pessoas idosas a viverem sozinhas ou em locais isolados. A APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - identificou mais de 1500 vítimas de violência doméstica com 65 anos ou mais (Figura 2).



Figura 2. Vulnerabilidades e população sénior na RAM.

O isolamento da população sénior é reforçado num contexto de proliferação de territórios de baixa densidade demográfica, pelas barreiras à mobilidade e à acessibilidade aos edifícios, entre outros. Apesar dos dados disponíveis estarem desatualizados, importa sublinhar que, em 2012, uma importante parte da população com 65 anos ou mais com incapacidade reportava a existência de barreiras à integração, nomeadamente: 60% indicava barreiras ao nível da

⁸ Dados cedidos pela GNR

mobilidade; 50% ao nível das atividades de lazer; 48% no acesso aos edifícios; e 44% ao nível dos transportes⁹.

Quando analisamos os dados relativos ao número de anos de vida saudável, Portugal era em 2020 o 9º país da União Europeia (EU-27) com menos anos de vida saudável¹⁰. Quem nasceu em 2020 em Portugal poderia esperar viver, em média cerca, de 59.7 anos sem problemas graves ou moderados de saúde. Já uma pessoa com 65 anos, em 2020, poderia esperar viver mais 7.7 anos de vida saudável em Portugal, menos 2.1 anos de vida saudável do que a média europeia e menos 8.2 anos do que um sueco. Em 2021, 24.2% dos portugueses com 65 anos ou mais consideravam a sua saúde como má e 9.4 consideravam-na como muito má¹¹. Em 2019, cerca de 90% das pessoas com 65 anos ou mais consumiram medicamentos prescritos nas 2 semanas anteriores à entrevista¹². Os dados de 2019 também indicam que cerca de 44.6% da população sénior possuía limitação na realização de atividades devido a problemas de saúde, ainda que essa limitação não fosse severa, e cerca de 18.7% estava severamente limitado na realização das atividades. Em 2021 assistimos a um aumento da população severamente limitada na realização das atividades quer entre a população sénior (20.8%, mais 2.1 pontos percentuais (p.p.) do que 2019) quer na população dos 16 aos 64 anos (5.6%, mais 1.4 p.p.)¹³.

Por outro lado, o envolvimento da população sénior em trabalho voluntário através de organizações tem uma dimensão limitada em Portugal. Segundo dados de 2015, entre 26 países da União Europeia, Portugal era o sétimo país com menor proporção de trabalho voluntário com 65 anos ou mais através de organizações: apenas 5.2% desta população estava envolvida neste tipo de trabalho voluntário formal, valor muito distante da Dinamarca onde 34.7% da população desempenha este tipo de atividades. Se olharmos para o trabalho voluntário feito sem a intermediação de uma organização, ou seja, o trabalho voluntário informal, encontramos 13.9% da população sénior a desempenhar trabalho voluntário direto, sendo Portugal o 11º país com menor proporção. A fraca mobilização da população sénior para o voluntariado espelha na realidade uma menor participação por parte da população em geral: apenas 9% da população participava em trabalho voluntário formal e 20.5% em voluntariado informal¹⁴. Dados mais recentes, de 2018, apontam para uma taxa de voluntariado de 4.6% junto da população sénior, sendo de 3.3% no voluntariado formal e de 1.4% no voluntariado informal.¹⁵

Estas são algumas pinceladas do retrato do envelhecimento em Portugal. Mas importa conhecer também esta realidade em territórios onde a vulnerabilidade assume os contornos da insularidade. Uma análise territorializada esbarra muitas vezes com a ausência ou escassez de dados desagregados. Não obstante, os dados dos Censos 2021 disponibilizados recentemente, proporcionam um importante conhecimento do território em diferentes áreas. Assim, com base nos dados disponíveis nos Censos 2021, pretendemos traçar um breve retrato do envelhecimento na Região Autónoma da Madeira (RAM), centrando essa análise em indicadores de três áreas distintas: (i) a caracterização sociodemográfica da população com 65 anos ou mais analisada numa perspetiva de vulnerabilidade à pobreza ou exclusão social; (ii) população ativa com 70 anos ou mais; (iii) as dificuldades de mobilidade e barreiras físicas da população com 65 anos ou mais. Se estes dados pecam por não permitirem a leitura global envelhecimento, permitem, no entanto, analisar áreas importantes desta temática e retratar esta realidade com dados municipais.

⁹ Eurostat, Prevalence of disability (source EHSIS)

¹⁰ Eurostat, Healthy life years by sex (from 2004 onwards)

¹¹ Eurostat, Self-perceived health by sex, age and income quintile

¹² Eurostat, Self-reported use of prescribed medicines by sex, age and educational attainment level

¹³ INE, Distribuição da população residente com 16 e mais anos de idade (%) por Sexo, Grupo etário e Limitação na realização de atividades devido a problema de saúde; Anual - INE, Inquérito às condições de vida e rendimento

¹⁴ EU-SILC 2015, consultado através da [ILOSTAT Explorer](#)

¹⁵ INE. 2019. Inquérito ao Trabalho Voluntário I 2018. Consultado em [Portal do INE](#)

POPULAÇÃO SÉNIOR NA RAM: BREVE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Segundo os dados dos Censos 2021, residiam na Região Autónoma da Madeira (RAM) 50 060 pessoas com 65 anos ou mais, correspondendo a 20% da população da região. A RAM segue a tendência nacional de inversão da sua pirâmide etária, ainda que permaneça como a segunda região (NUTs III) menos envelhecida, sendo a Região Autónoma dos Açores a que possui menor proporção de população nessa faixa etária. No entanto, importa sublinhar que nesta última década o envelhecimento foi mais acentuado na população residente na RAM do que para o total nacional. O aumento da população com 65 anos ou mais foi superior a 25%, um aumento cerca de 4 p.p. superior ao observado no total nacional e no território continental (21% em ambos os territórios). Por outro lado, a população até aos 64 anos diminuiu, sendo tanto maior a redução quanto menor o grupo etário. A RAM perdeu 6.3% da sua população entre 2011 e 2021, mas perdeu 27.43% das crianças até aos 14 anos fruto de uma baixa taxa de natalidade consistentemente inferior à média nacional entre 2011 e 2020¹⁶. Em 2011 a RAM era a quarta região (Nuts III) com menor taxa bruta de natalidade, mas em 2020 era já a segunda região com menor taxa. Na realidade, entre 2011 e 2020 a RAM assumiu maioritariamente esta segunda posição, apenas ultrapassada pela Região Centro no que remete a este indicador de natalidade.¹⁷

Dentro da população com 60 anos ou mais sobressai sobretudo o peso da população até aos 69 anos que constitui quase metade desta população, seguida da faixa etária dos 70 aos 79 anos (32%) e dos 80 aos 89 anos (17%). É, no entanto, na população entre os 90 e os 99 anos que encontramos o maior crescimento da população (+59% entre 2011 e 2021). Em 2021 residiam na RAM 1 839 nonagenários e 37 centenários, sendo maioritariamente mulheres (80% dos nonagenários e 86% dos centenários).

¹⁶ INE. Taxa de variação da população residente (2011- 2021) (%) por Local de residência, Sexo e Grupo etário; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

¹⁷ INE. Indicadores de natalidade (NUT2013). Taxa bruta de natalidade (‰) por Local de residência (NUTS - 2013); Anual - INE, Indicadores demográficos

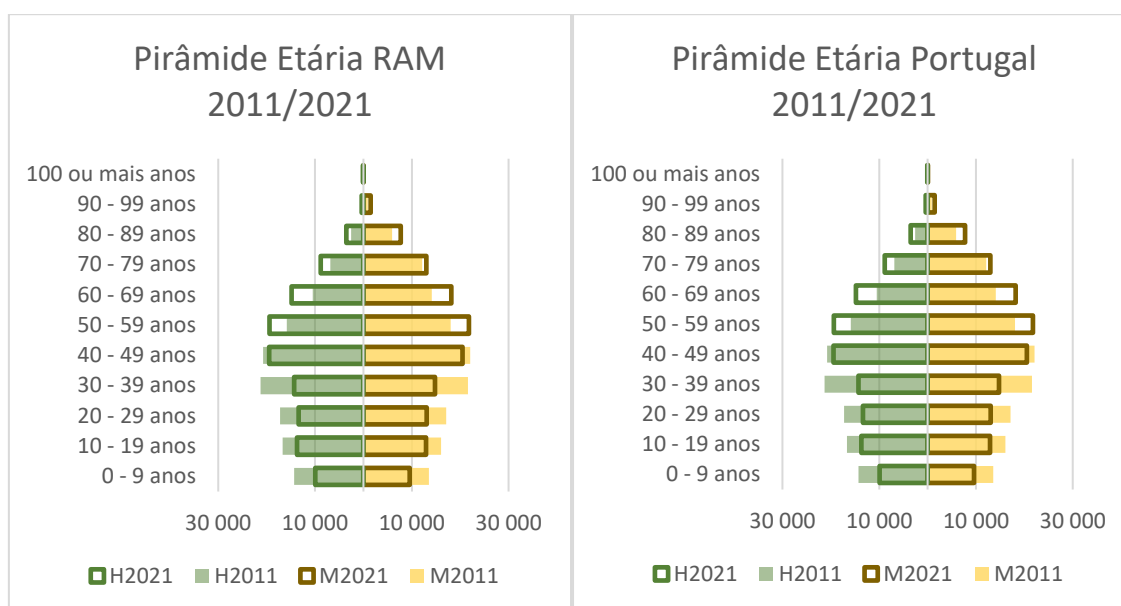


Gráfico 1: Pirâmide etária da RAM e de Portugal em 2011 e 2021. INE, Censos 2011 e 2021¹⁸

Quase metade da população com 65 anos ou mais da RAM reside no Funchal e mais de 2/3 reside em apenas três municípios: Funchal (46%), Santa Cruz (12%) e Câmara de Lobos (6%). Esta localização geográfica reflete a forma como a população residente encontra-se distribuída nesta região autónoma, ainda que com proporções diferentes (42%, 17% e 13% respetivamente). São, no entanto, os municípios de Porto Moniz, Santana e São Vicente que apresentam uma população mais envelhecida. Se na RAM 20% da população residente tem 65 anos ou mais, nesses municípios a proporção sobe para valores próximos ou iguais a 30%.

	Nº	%
RAM	50060	20%
Calheta	2768	25%
Câmara de Lobos	4849	15%
Funchal	22863	22%
Machico	4021	21%
Ponta do Sol	1816	22%
Porto Moniz	746	30%
Porto Santo	969	19%
Ribeira Brava	2638	21%
Santa Cruz	6189	15%
Santana	1870	29%
São Vicente	1331	27%

Tabela 1: População residente com 65 anos ou mais na RAM em 2021 por local de residência. Valores absolutos (N) e proporção face a população total residente nesses territórios (%). INE, Censos 2021

Nota: Cálculos próprios dos valores percentuais

Os dados dos censos demonstram que a população envelhecida é maioritariamente feminina. Esta é uma realidade que atravessa todo o território nacional, mas adquire uma maior expressividade na RAM. Esta região é, juntamente com a Área Metropolitana de Lisboa (AML), o território com maior proporção de população feminina (53%), o que é ainda mais evidente junto

¹⁸ INE. População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo e Grupo etário (escalões 09;100 e mais anos); Decenal. Recenseamento da população e da habitação, Censos 2021.

da população com 65 anos ou mais. Só na RAM, 61% da população sénior é feminina enquanto na AML esta proporção é de 58%.

Não podemos esquecer que a maior longevidade da população feminina é, no entanto, acompanhada por uma maior vulnerabilidade ao nível das condições de vida e rendimento. Ao nível da pobreza e a exclusão social encontramos em Portugal uma taxa de 23.5% nas mulheres em 2021 comparativamente com 21.2% dos homens. No entanto, esta vulnerabilidade agudiza-se quando em causa está a população idosa, principalmente entre as faixas etárias mais avançadas. O risco de pobreza ou exclusão social sobe para 26.9% nas mulheres com 65 anos ou mais e para 29.7% nas mulheres com 75 anos ou mais. Quando olhamos para a população masculina estes resultados são significativamente inferiores: menos 6.4 p.p. no caso dos homens com 65 anos ou mais e menos 7.8 p.p. para os que têm 75 anos ou mais. Este maior risco de pobreza ou exclusão social das mulheres reflete a maior vulnerabilidade à pobreza monetária e à privação material e social severa.

Para compreendermos estes números não poderemos ignorar o papel de cuidadora que tradicionalmente as mulheres assumiram, assim como uma inserção no mercado de trabalho mais marcada pela informalidade e baixos salários, o que acarreta uma desigualdade no acesso à proteção social quando atingem a idade da reforma. Não temos dados sobre a pobreza ou exclusão social ao nível regional desagregados por género e grupo etário, mas é previsível que prevaleça uma maior vulnerabilidade das mulheres na RAM sobretudo se considerarmos que a taxa de atividade da população feminina neste território em 2021 (assim como em 2011) era inferior à média nacional.

A vulnerabilidade à pobreza e à exclusão social da população idosa na RAM é igualmente perceptível pelos baixos níveis de escolaridade, sobretudo tendo em conta que quanto menor o nível de escolaridade maior é a taxa de risco de pobreza ou exclusão social em Portugal. Segundo os dados dos Censos de 2021, **a RAM continua a apresentar maiores proporções de população com 65 anos ou mais nos níveis de escolaridade mais baixos tais como a ausência de qualquer nível de escolaridade (21%) e o 1º ciclo do Ensino Básico (EB) (56%) comparativamente com a média nacional (15% e 55% respetivamente)**. Houve, no entanto, uma importante redução da população sénior sem qualquer nível de escolaridade completa desde 2011, altura em que 41% dos idosos não tinha nenhum nível de escolaridade na RAM. Nesta região são nos concelhos de Câmara de Lobos e de Ribeira Brava onde residem uma maior proporção de população sénior sem qualquer nível de escolaridade (34% em ambos) seguido de Porto Moniz (32%). Funchal e Porto Santo, pelo contrário, destacam-se por terem maior proporção de idosos com licenciatura (6% e 4% respetivamente).¹⁹

A população com nacionalidade estrangeira tem vindo a aumentar em Portugal e na RAM. Em 2021, 2.8% da população residente na RAM era de nacionalidade estrangeira e 17% destes estrangeiros tinham 65 anos ou mais. Segundo os Censos de 2021 residiam na RAM 1 169 sénior com nacionalidade estrangeira, provenientes sobretudo de países europeus (83%), nomeadamente países da União Europeia (47%). As três nacionalidades mais representadas dentro da população estrangeira sénior eram do Reino Unido (29% dos estrangeiros com 65 anos ou +), da Alemanha (15%) e de Itália (6%). No entanto, tal não corresponde na totalidade ao perfil dos estrangeiros residentes na RAM. O forte peso das comunidades estrangeiras europeias existentes na população idosa reduz-se significativamente quando olhamos para o total de estrangeiros, existindo na realidade um maior equilíbrio entre o peso das comunidades provenientes da Europa (47%) e o das comunidades da América (42%). As três principais

¹⁹ INE. População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Nível de escolaridade mais elevado completo; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

comunidades estrangeiras existentes na RAM à data dos Censos 2021 eram a venezuelana (29% do total de estrangeiros), a britânica (13%) e a brasileira (10%).²⁰

Há uma clara sobre-representação da população estrangeira idosa em algumas comunidades estrangeiras, nomeadamente europeias. Tendo por base as comunidades numericamente mais expressivas, encontramos uma forte sobre-representação dos idosos nas comunidades britânica e alemã e uma sub-representação nas comunidades venezuelana e brasileira, levando a que mais de 1/3 dos britânicos e alemães residentes na RAM tenham 65 anos ou mais (37% e 38% respetivamente) comparativamente com apenas 4% dos venezuelanos e brasileiros que se encontram nessa faixa etária.

Aos estrangeiros seniores residentes na RAM juntam-se igualmente os portugueses que retornam a este território após um período de emigração. Os dados dos Censos²¹ não nos permitem identificar a nacionalidade associada aos dados, mas demonstram que entre a população com 65 anos ou mais atualmente residente na RAM, 4 168 entraram em Portugal após 2010 e 1 582 são pessoas que regressaram do seu processo emigratório. Note-se também a existência de 850 residentes na RAM que entraram em Portugal após 2010 com 55 anos ou mais com o objetivo de estabelecer residência. Em causa estão fluxos migratórios de reformados que escolhem o território nacional para viverem este período das suas vidas, estando associados quer aos portugueses que regressam aos seus territórios de origem após um período de emigração²², quer aos estrangeiros que procuram na RAM uma melhor qualidade de vida associada a um clima mais ameno e/ou a um custo de vida inferior ao dos seus países de origem.

Ainda segundo os dados dos Censos 2021, o local de residência dos estrangeiros com 65 anos ou mais na RAM concentra-se maioritariamente (71%) em apenas três municípios: Funchal, Calheta e Santa Cruz. É, no entanto, na Calheta e em Porto Santo que encontramos comunidades estrangeiras mais envelhecidas. Cerca de 30% dos estrangeiros que residiam na Calheta e 26% dos que residem em Porto Santos têm 65 anos ou mais.

	Total	Estrangeira	Europa	África	América	Ásia	Oceânia
RAM	50 060	1 169	969	26	159	7	8
Calheta	2 768	193	169	8	14	1	1
Câmara de Lobos	4 849	45	36	1	8	0	0
Funchal	22 863	460	370	11	69	4	6
Machico	4 021	44	34	2	8	0	0
Ponta do Sol	1 816	68	57	0	10	1	0
Porto Moniz	746	8	7	0	1	0	0
Porto Santo	969	62	59	0	2	0	1
Ribeira Brava	2 638	61	49	1	11	0	0
Santa Cruz	6 189	182	154	3	24	1	0
Santana	1 870	25	18	0	7	0	0
São Vicente	1 331	21	16	0	5	0	0

Tabela 2: População residente na RAM com 65 anos ou mais por grupos de cidadania e local de residência em 2021. INE, Censos 2021

²⁰ INE. População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Nacionalidade; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

²¹ INE. População residente que entrou em Portugal após 2010 (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Motivo de entrada em Portugal; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

²² Se para alguns destes emigrantes o regresso a terra natal faz parte de um projeto migratório construído ao longo do tempo, para outros trata-se de uma resposta à degradação das condições de vida do país de acolhimento, tal como ocorre por exemplo com o fluxo migratório proveniente da Venezuela.

Por fim, a análise dos dados do ICOR demonstra, ao nível nacional, que os agregados familiares domésticos com pessoas com 65 anos ou mais – nomeadamente os compostos por apenas um idoso isolado ou compostos por duas pessoas em que pelo menos um elemento tem 65 anos ou mais – apresentam taxas elevadas de risco de pobreza ou exclusão social. De facto, **os idosos isolados foram**, segundo dados do ICOR2021, **a terceira tipologia de agregado doméstico mais vulnerável com uma taxa risco de pobreza ou exclusão social (32.5%)**. No caso dos agregados compostos por dois adultos em que pelo menos um tem 65 anos ou mais, o risco de pobreza ou exclusão social recua para 25.9%, sendo, no entanto, claramente superior ao resultado deste indicador para a população em geral (22.4%). É por isso importante sublinhar que dos 94820 agregados domésticos privados registados pelos Censos na RAM, cerca de 25% é composto por apenas um adulto com 65 anos ou mais (11%) ou duas pessoas, ambas ou pelo menos uma com 65 anos ou mais (14%). Os 10 350 idosos isolados residentes na RAM são maioritariamente do sexo feminino (76%)²³. O isolamento e a vulnerabilidade são agravados quando em causa estão alojamentos não clássicos, ou seja, alojamentos com precariedade da construção, alojamento móveis, improvisados e/ou que não foi construído para habitação. Nesta condição de habitabilidade encontram-se 28 agregados domésticos na RAM, sendo que 7 são idosos a viverem sozinhos (25%)²⁴.

Com uma maior proporção da população e dos agregados domésticos presentes no Funchal, este é o município onde reside o maior número de idosos isolados (4 525) correspondendo quase a metade dos idosos isolados na RAM (43%). O segundo município com maior número de idosos isolados possui 1 131 agregados dessa tipologia, ou seja, 16% do total regional. No entanto, quando olhamos de forma proporcional ao número de agregados domésticos existentes em cada território, verificamos que são na realidade os municípios de Porto Moniz, Santana e São Vicente que apresentam maiores proporções de idosos isolados (21%, 19% e 18% respetivamente)

Uma outra leitura da vulnerabilidade dos idosos na RAM é proporcionada pelos dados recolhidos pela PSP, através da operação "*A solidariedade não tem idade – A PSP com os idosos*" , *integrado no Programa Apoio 65*" , levada a cabo entre julho e setembro de 2022. Através desta operação são identificados idosos em risco, nomeadamente idosos em situações como falta de autonomia; quadro clínico grave; condições de vida degradante, ausência de rede contatos, exclusão social completa; insuficiência económico-financeira e vítima reiterada de crime²⁵. Do total de 203 idosos contactados pela PSP na RAM, quase 30% foram considerados em risco (59 idosos), sendo que 13 foram identificados como estando em risco; 25 foram sinalizados junto das instituições com responsabilidade na promoção de proteção e apoio ou com responsabilidade na área do risco detetado; e 21 foram considerados em risco elevado requerendo medidas imediatas e foram encaminhados para instituições com responsabilidade na proteção e apoio²⁶.

²³ INE. Agregados domésticos privados (N.º) nos alojamentos familiares de residência habitual por Local de residência (à data dos Censos 2021), Tipo (alojamento familiar) e Tipo Agregado Doméstico Privado (Com base na estrutura etária)

²⁴ Idem

²⁵ Os critérios utilizados nas sinalizações de situações de risco são: Vítimas (reiteradas) de crimes; Insuficiência económica-financeira; Falta de autonomia (vulnerabilidades físicas e/ou psíquicas); Quadro clínico grave (falta de acompanhamento médico e familiar); Exclusão social completa (clausura no domicílio); Ausência de rede de contactos (ninguém a quem recorrer em caso de necessidade/urgência, p.e. familiares ou vizinhos); Condições de vida degradantes (habitação imprópria decorrente do estado de construção ou falta de higiene).

²⁶ Dados cedidos pela PSP

POPULAÇÃO ATIVA COM 70 OU MAIS ANOS

Tal como é expectável para este grupo etário, a sua principal fonte de rendimento é a reforma/pensão. **Na RAM, 87% das pessoas com 65 anos ou mais vivem com os rendimentos provenientes da reforma/pensão e este valor sobe para 94% quando nos referimos a população com 75 anos ou mais.** Estes valores são ainda mais elevados quando olhamos para o total nacional (90% e 96% respetivamente)²⁷. O trabalho mantém-se como fonte de rendimento para 5% da população sénior, mas é uma realidade sobretudo para a população dos 65 aos 69 anos. A partir dos 70 anos, apenas 0.8% dos idosos mantém o trabalho como fonte de rendimento, ainda que a proporção da população ativa com mais de 70 anos seja de 1.7%. Segundo os dados dos Censos 2021, 595 idosos com 70 anos ou mais estavam a trabalhar em 2021 na RAM.²⁸

Com a idade normal de acesso à pensão de velhice do regime geral de segurança social definida, em 2021, nos 66 anos e 6 meses, para além de assistirmos a uma forte redução da população ativa com 70 anos ou mais, esta população confunde-se com a população empregada. De facto, o acesso à pensão de velhice leva a que este grupo etário se enquadre ou como empregados ou como inativos, não existindo situações de desemprego nesta faixa etária.



Figura 3. Caracterização da população sénior ativa na RAM

A população sénior que permanece inserida no mercado de trabalho assume um perfil claramente distinto do total da população empregada. De facto, enquanto a população empregada é composta maioritariamente por trabalhadores por conta de outrem (TCO) (79% na RAM em 2021), na população idosa esta proporção diminui tanto mais quanto maior for a distância face à idade normal de acesso à pensão de velhice. Assim, se na faixa etária dos 65 aos 69 anos o TCO

²⁷ INE. População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Fonte de rendimento; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

²⁸ INE. População empregada (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Nível de escolaridade mais elevado completo; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

permanece ainda como a principal situação na profissão (65%), a partir dos 70 anos encontramos um maior peso do *trabalhador por conta própria ou isolado* e do *empregador / patrão com menos de 10 empregados*²⁹. Os dados indicam que um afastamento da idade da reforma leva a que permaneça inserida no mercado de trabalho uma população que desempenha funções onde predomina um maior nível de autonomia, com um controlo sobre os meios de produção e/ou que assume funções de chefia ou de carácter intelectual. De facto, na população ativa destacam-se como grupos socioeconómicos os *prestadores de serviço e comerciantes independentes* (13%) e os *Pequenos patrões do comércio e serviços* (11%). Consequentemente a profissão mais representada na população com 70 anos ou mais é o grupo *Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores* onde está integrado o sector do comércio, correspondendo a ¼ dos idosos empregados nessa faixa etária. A segunda profissão com maior destaque é o dos *Especialistas das atividades intelectuais e científicas* (18%) e os *Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos* (13%). Associada a estas atividades profissionais desempenhadas a partir dos 70 anos na RAM, encontramos dois principais grupos populacionais: uma população empregada com baixos níveis de escolaridade, nomeadamente com apenas o 1º ciclo do ensino básico (50%) e uma população com ensino superior (21%), nomeadamente com licenciatura (17%).

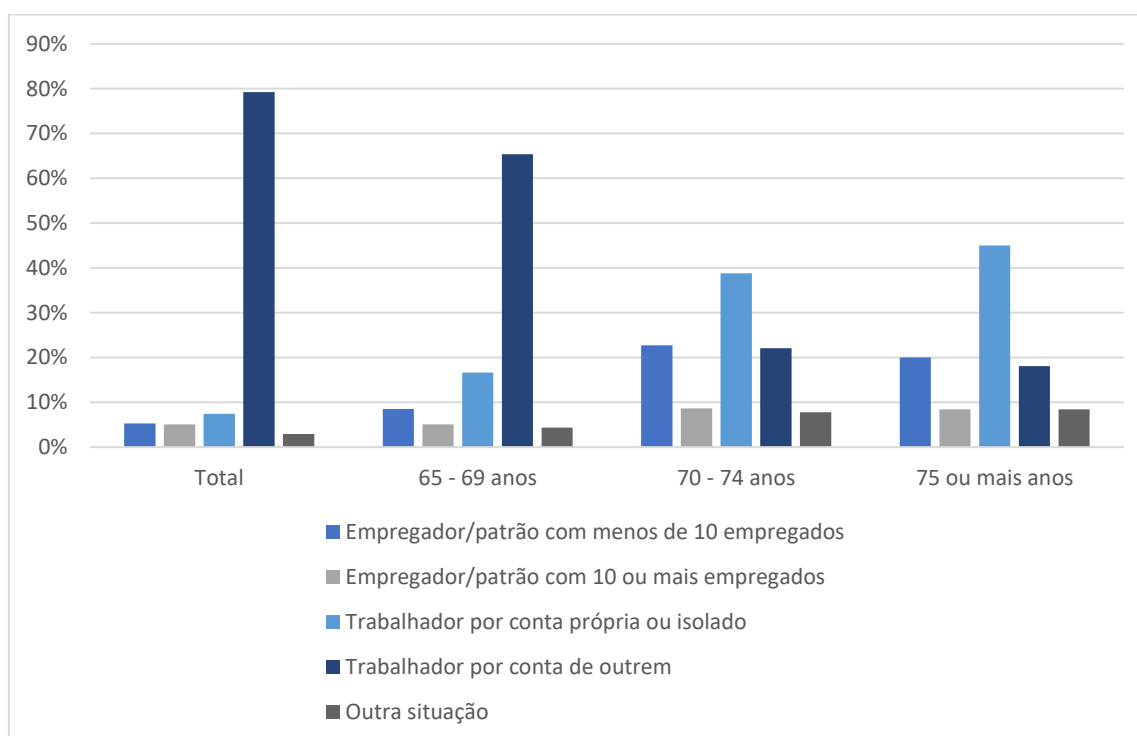


Gráfico 2: População empregada com 65 anos ou mais na RAM por situação na profissão em 2021. INE, Censos 2021

Nota: Cálculo próprio para valores percentuais

O peso dos baixos níveis de escolaridade que existe na população idosa empregada é um reflexo dos baixos níveis de escolaridade existentes na população residente dessa faixa etária. Se, tal como vimos, 50% dos idosos empregados têm apenas o 1º ciclo do ensino básico, na população total empregada essa proporção desce para apenas 13%. Tal diferença é expectável devido às diferenças geracionais ao nível do acesso à educação, da evolução da escolaridade obrigatória e de uma maior democratização do acesso ao ensino superior. No entanto, quando comparamos a

²⁹ INE. População empregada (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Situação na profissão; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

população empregada com 70 anos ou mais com a população residente nessa faixa etária, verificamos claramente um maior peso dos níveis de escolaridade mais elevados na população empregada. Este prolongamento da vida ativa no mercado de trabalho depois dos 70 anos parece estar associado, por um lado, a uma maior realização profissional e, por outro lado, a atividades empresariais onde estes idosos possuem o controlo sobre a atividade exercida e sobre o lucro que decorre dessa atividade, tal como ocorre, por exemplo, com os comerciantes que possuem as suas lojas de comércio local.

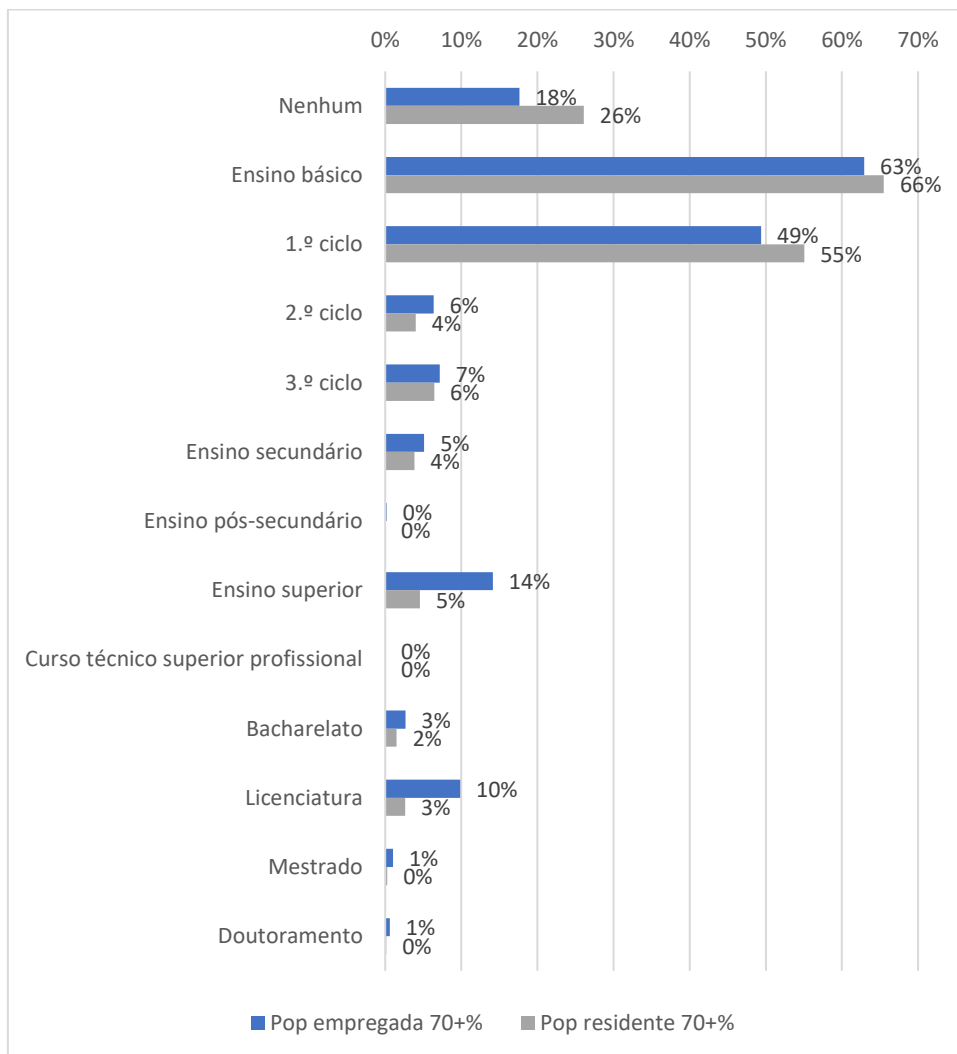


Gráfico 3: População empregada e população residente com 70 anos ou + por nível de escolaridade na RAM em 2021 (%). INE, Censos 2021

Nota: Cálculo próprio para valores percentuais

As diferenças de género são igualmente visíveis quando olhamos para esta dimensão do envelhecimento. Se cerca de metade da população empregada na RAM é feminina (49.7%), esta proporção desce para 27% quando nos centramos na população sénior, nomeadamente a população a partir da faixa etária dos 70 anos. Esta diferença de género é ainda mais expressiva tendo em conta a pirâmide etária na região. De facto, encontramos apenas 161 mulheres com 70 anos ou mais empregadas, o correspondente a 0.7% da população feminina dessa faixa etária. Na população masculina esta proporção sobe para 3%.

O perfil é igualmente distinto entre homens e mulheres. O peso do trabalhador por conta de outrem é superior nas mulheres empregadas (83%) do que nos homens (76%) ao nível da

população total empregada, mas esta diferença agrava-se na população sénior, sobretudo na população dos 70 anos ou mais. De facto, sobressai nessa população feminina, comparativamente com a população masculina, o maior peso do TCO e de outras situações. Dentro desta categoria de “outras situações” encontramos, por exemplo, os trabalhadores familiares não remunerados. Encontramos assim nesta população feminina ativa, comparativamente com a população masculina, categorias que apontam para atividades profissionais com maior relação de dependência a terceiros. Apesar disso, é importante sublinhar que, tal como na população masculina, destaca-se elevado peso de mulheres seniores enquanto *trabalhador por conta própria (isolado)*, sendo esta a principal situação na profissão destas mulheres.

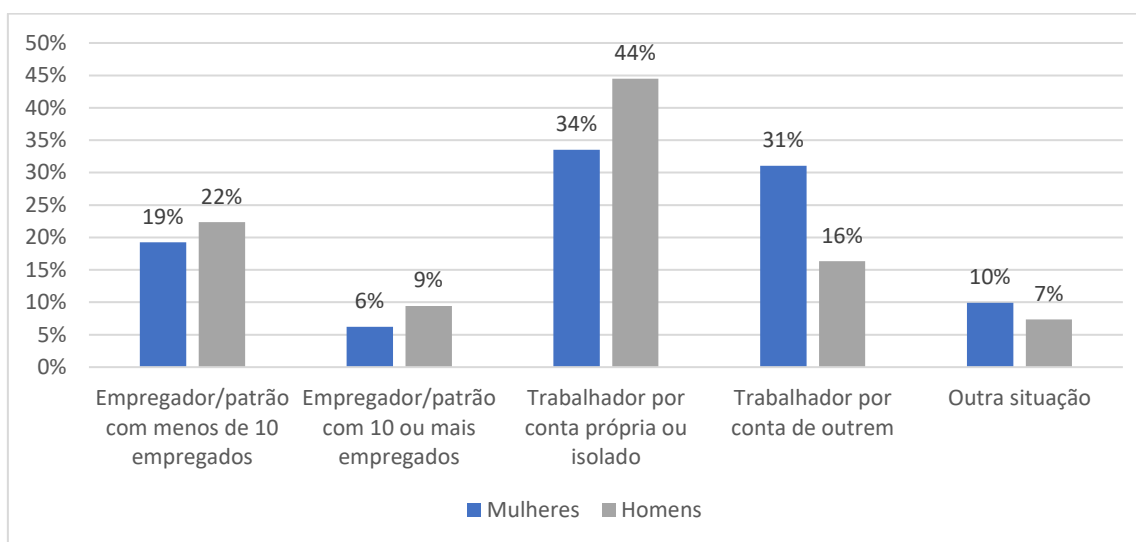


Gráfico 4: Proporção de mulheres e de homens empregados por situação na profissão na RAM em 2021. INE, Censos 2021

Nota: Cálculo próprio para valores percentuais

Os principais grupos socioeconómicos das mulheres com 70 anos ou mais refletem essa situação na profissão: *Prestadores de serviços e comerciantes independentes* (14%), *Empregados administrativos do comércio e serviços* (12%), *Trabalhadores independentes do sector primário* (12%), *Pequenos patrões do comércio e serviços* (11%) e *Trabalhadores administrativos do comércio e serviços não qualificados* (11%). Alguns destes grupos correspondem também ao perfil da população masculina nessa faixa etária³⁰, no entanto outros grupos como os *Trabalhadores industriais e artesanais independentes* (10%) e *Profissionais intelectuais e científicos* (9%) têm um peso claramente superior na população masculina. Se olharmos para as profissões destacam-se em ambos os géneros os *Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores* (24% entre os homens e 27% entre as mulheres) e os *Especialistas das atividades intelectuais e científicas* (18% entre os homens; 16% entre as mulheres). No entanto, para os homens com 70 anos ou mais a terceira profissão mais representativa é a dos *Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos* (15%), enquanto na população feminina destacam-se os *Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta* e os *Trabalhadores não qualificados* (12% ambos)³¹.

³⁰ Tal é o que acontece ao nível dos Prestadores de serviços e comerciantes independentes (12%), os Pequenos patrões do comércio e serviços (11%) e os Trabalhadores independentes do sector primário (9%), ainda que com um peso inferior ao existente na população feminina sénior.

³¹ INE, População empregada (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário, Atividade económica (CAE Rev. 3) e Profissão (Grande grupo - CPP); Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

AS DIFICULDADES FÍSICAS E/ COGNITIVAS DA POPULAÇÃO COM 65 ANOS OU MAIS E AS BARREIRAS FÍSICAS À SUA INTEGRAÇÃO

Através dos Censos 2021 são identificadas um conjunto de dificuldades físicas e cognitivas vivenciadas pela população em Portugal tais como: ver, ouvir, andar ou subir degraus, memória ou capacidade de concentração, tomar banho ou vestir-se sozinho e compreender os outros ou fazer-se compreender. No total, residem na RAM 38 987 pessoas com 65 anos ou mais que vivem com pelo menos uma destas dificuldades, o que corresponde a 78% da população nessa faixa etária. Para o total do território nacional a proporção de idosos com pelo menos uma dificuldade desce para 75%. Tal como seria expectável, a proporção de pessoas com pelo menos uma e/ou múltiplas dificuldades físicas e/ou cognitivas a partir dos 65 anos aumenta nos grupos etários mais velhos. Assim, enquanto que na faixa etária entre os 65 e os 74 anos a *moda* – ou seja, a situação mais frequente é a ocorrência de apenas uma dificuldade, a partir dos 85 anos a *moda* é a coexistência de 6 dificuldades no mesmo indivíduo. No caso dos mais velhos, 38% da população com 90 anos ou mais apresentam as 6 dificuldades acima elencadas. Contudo, mesmo considerando o grupo etário mais jovem - dos 65 aos 69 anos - encontramos uma proporção elevada de pessoas que apresentam 3 ou mais destas dificuldades físicas e/ou cognitivas. Cerca de 27% da população residente nessa faixa etária apresenta esse número de dificuldades: 4 103 pessoas. Comparativamente com o contexto nacional, a RAM apresenta valores mais elevados que a média nacional tanto na proporção de idosos das diferentes faixas etárias com dificuldades, como nas proporções de idosos das diferentes faixas etárias com 3 ou mais dificuldades ou com 6 dificuldades³².

Esta população sénior continua a residir maioritariamente num contexto de alojamento familiar, quer com outras pessoas, quer enquanto indivíduo isolado a residir sozinho. Esta é a realidade para 95% da população com 65 anos ou mais e com dificuldades (37 118), os restantes 5% estarão integrados em alojamentos institucionais. No caso dos idosos com dificuldades em contexto de agregado familiar doméstico, 43% encontram-se em agregados onde residem dois ou mais idosos com dificuldades³³.

³² População residente com pelo menos uma dificuldade (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário do indivíduo (5 anos - 90 ou mais anos) e Dimensão (indivíduos com dificuldades)

³³ Indivíduos com dificuldades (N.º) nos agregados domésticos privados por Local de residência (à data dos Censos 2021) e Grupo etário (com dificuldades). INE, Censos 2021

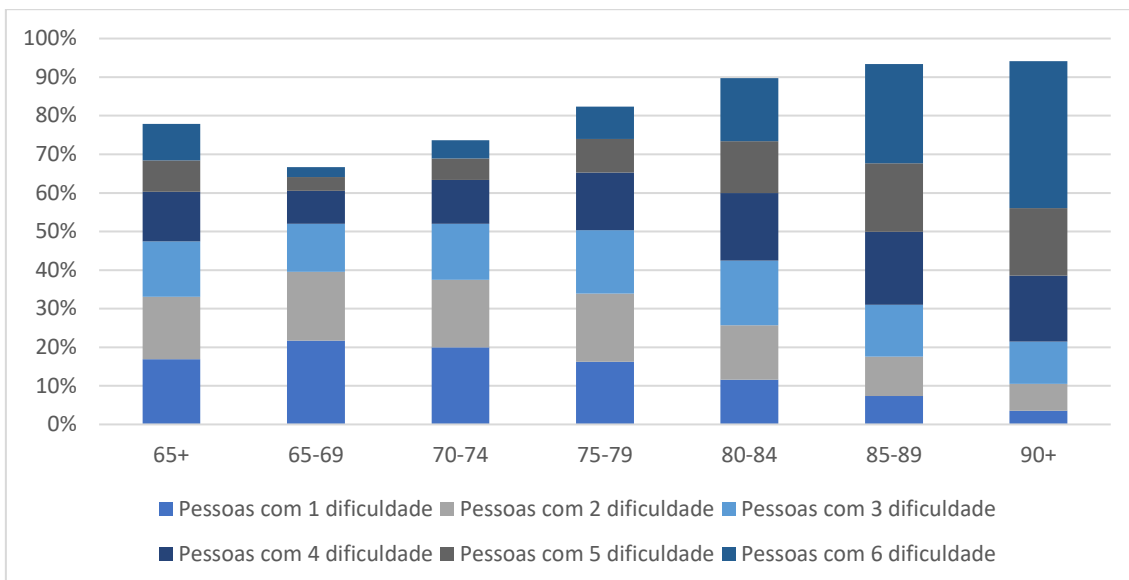


Gráfico 5: Proporção da população com 65 anos ou mais por existência de dificuldade e grupo etário na RAM em 2021(%). INE, Censos 2021.

Nota: Nota: Cálculo próprio para valores percentuais da população com dificuldades face a população residente nas respetivas faixas etárias

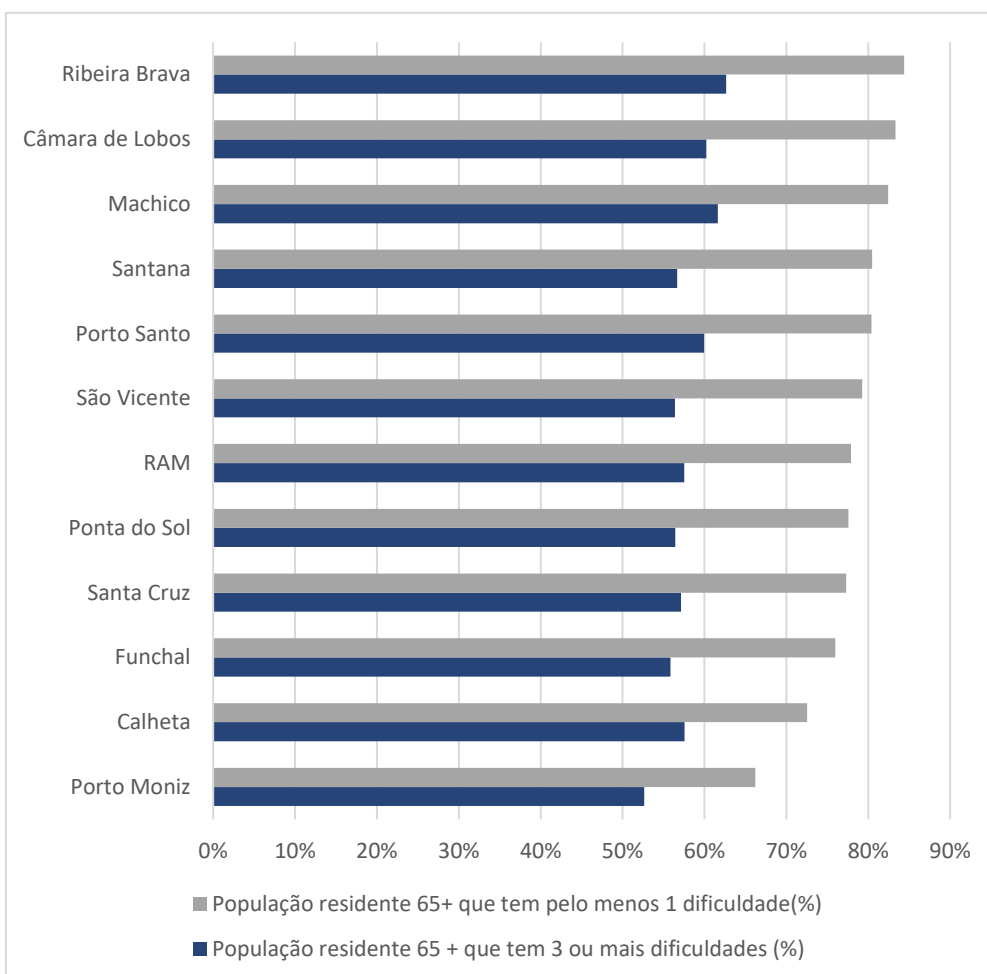


Gráfico 6: População residente com 65 anos ou mais com dificuldade físicas e/ou cognitivas por local de residência na RAM em 2021 (%). INE, Censos 2021

Nota: Cálculo próprio para valores percentuais

Com a maior parte da população residente com 65 anos ou mais concentrada em dois municípios – Funchal e Santa Cruz – são também nestes dois concelhos que encontramos mais da metade dos idosos com dificuldades (57%): 45% no Funchal e 12% em Santa Cruz. No entanto, são nos municípios de Ribeira Brava, Câmara de Lobos e Machico onde encontramos mais de 80% da população idosa que apresenta pelo menos uma dificuldade (84%, 83% e 82% respetivamente). Ribeira Brava destaca-se também por ter maior proporção de idosos com múltiplas dificuldades físicas e/ou cognitivas: 63% possui três ou mais dificuldades e 14% possui seis dificuldades. São Vicente é, no entanto, o município com maior proporção de idosos com 6 dificuldades (15%). Porto Moniz, pelo contrário, apesar de ser o município com maior proporção de população com 65 anos ou mais na sua população residente, apresenta uma menor proporção de idosos com este tipo de dificuldades (66%) e menor proporção de idosos com múltiplas dificuldades (53%).

Uma vez que existe uma elevada proporção de pessoas idosas com dificuldade a residir em contexto de agregados domésticos (95%), a análise por município não sofre alterações significativas quando olhamos especificamente para esta população em agregados domésticos.

Andar e subir degraus é a dificuldade mais comum para essa faixa etária na RAM, abrangendo mais de 29 mil pessoas. Segundo os dados dos Censos 2021, 61% da população com 65 anos ou mais tem algum grau de dificuldade (alguma, muita ou não consegue) em *andar ou subir degraus*, sendo que 17% tem muita dificuldade e 5% não consegue desenvolver esta atividade. Note-se, por outro lado, que a maior parte dos idosos vivem em alojamentos sem entrada acessível a cadeira de rodas. Na RAM, assim como para o total nacional, encontramos 67% dos idosos com 70 anos ou mais a viverem em alojamentos cujas entradas não são acessíveis a cadeira de rodas³⁴. Em causa estão mais de 22 mil pessoas com essa idade. Se olharmos para a população com dificuldade em *andar ou subir degraus* com 5 ou mais anos de idade encontramos uma realidade ainda mais gravosa: 70% das pessoas com esta dificuldade vivem em alojamento não acessível a cadeira de rodas (33 817 pessoas). Esta proporção sobe para 72% no caso das pessoas que apresentam muita dificuldade em andar ou subir escadas e desce para 65% nas pessoas que não conseguem efetuar esta ação³⁵. A elevada proporção de pessoas sem condições de acessibilidade adequadas à sua condição física é um grave obstáculo a um envelhecimento ativo e saudável e reforça a vulnerabilidade ao isolamento e à exclusão social.

Tendo em conta a dimensão territorial, são os municípios de Câmara de Lobos, Ribeira Brava e Porto Moniz que apresentam maiores proporções de população residente (5 anos ou mais) com dificuldade³⁶ em *andar ou subir degraus* e que vive em alojamentos sem entrada acessível no seu alojamento: 82% no caso de Câmara de Lobos e Ribeira Brava e 78% em Porto Moniz. São igualmente estes três municípios que apresentam percentagens mais elevadas de população residente que não consegue *andar ou subir*

³⁴ População residente (N.º) nos alojamentos familiares clássicos por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grupo etário e Entrada acessível a cadeira de rodas; Decenal – INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

³⁵ População residente em alojamentos familiares clássicos, com 5 ou mais anos de idade com dificuldades em andar ou subir degraus (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021), Sexo, Grau de dificuldade e Entrada acessível a cadeira de rodas; Decenal

³⁶ Somatório dos níveis de dificuldade “alguma”, “muita” e “não consegue”

degrau, ainda que em ordem e com valores distintos: Porto Moniz (81%); Câmara de Lobos (80%) e Ribeira Brava (81%).

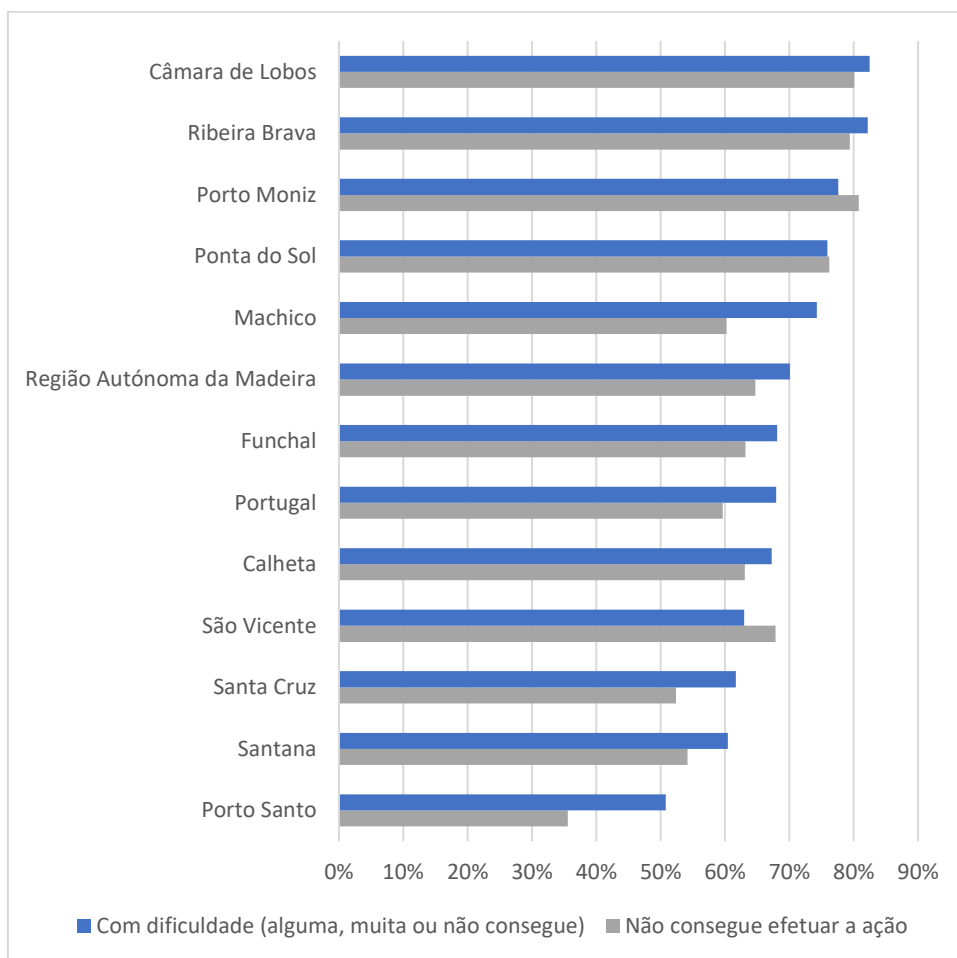


Gráfico 7: Proporção da população residente com 5 ou mais anos com dificuldade em andar ou subir degraus por ausência de entrada acessível a cadeira de rodas e Local de residência na RAM em 2021. INE, Censos 2021

Nota: Cálculo próprio para valores percentuais

Para além de *andar e subir degraus*, as dificuldades mais predominantes na população com 65 anos ou mais são a capacidade de *visão, a memória ou concentração e a audição*, tal como é possível verificar no gráfico 8. Destaca-se igualmente a população com dificuldade em *tomar banho e vestir-se sozinho* pela elevada proporção de idosos que não consegue executar esta atividade, neste caso 7%. É nas faixas etárias mais elevadas, sobretudo a partir dos 80 anos, que encontramos maiores proporções de pessoas sem capacidade para executarem essa atividade de forma autónoma, chegando a atingir 37% da população com 90 anos ou mais.

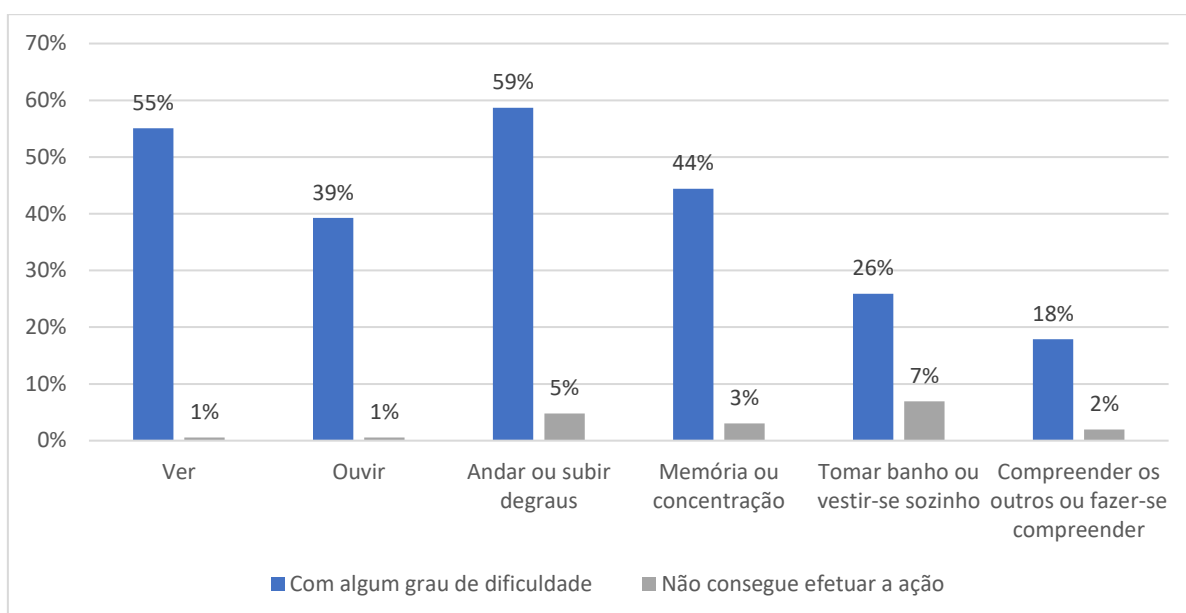


Gráfico 8: População residente com 65 ou mais anos de idade com dificuldades por Tipo de dificuldade e Grau de dificuldade na RAM em 2021. INE, Censos 2021

Nota: Cálculo próprio para as proporções

Para além do impacto direto destas dificuldades no bem-estar da população sénior, o aumento das dificuldades na execução destas atividades leva a que muitos idosos executem um número reduzido tarefas diárias e que se restrinjam às atividades que envolvem menor esforço. Na RAM, segundo dados de 2019, mais da metade da população com 65 anos ou mais desempenhava apenas tarefas diárias que envolvem um esforço físico ligeiro e fazia isso sentada ou em pé. No entanto, 14% desta população não executava qualquer tarefa diária, o que correspondia a 6 141 pessoas idosas³⁷. A perda de capacidades associadas a visão, a audição, a mobilidade e a destreza física, a memória e a capacidade de compreender ou fazer-se compreender, restringe a autonomia desta população e agrava o risco de isolamento social. A participação na vida em sociedade, quando não estão garantidas as respostas e as adaptações orientadas para necessidades especiais destes grupos, fica necessariamente condicionada. Estão em causa não só a eliminação das barreiras físicas, mas também a necessidade de cuidados da área da saúde e do apoio social proporcionados em tempo útil de forma a evitar ou atrasar processos de demência ou de perda de competências físicas e sociais.

³⁷ População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo, Grupo etário e Principal forma de desempenho das tarefas diárias; Quinquenal - INE, Inquérito nacional de saúde (série 2014)

NOTAS CONCLUSIVAS

Os dados recolhidos neste boletim não permitem uma leitura completa do envelhecimento na RAM. Esta temática agrega várias dimensões e a ausência de dados ao nível regional em algumas destas dimensões dificultam uma análise estatística deste fenómeno. Fica de fora, por exemplo, dimensões associadas a participação cívica, social, política e espiritual. Destacamos os dados do voluntariado que o INE divulga através do Inquérito ao Trabalho Voluntário: em 2018, foram identificadas 1 605 pessoas com 65 anos ou mais que desenvolviam trabalho voluntário na RAM, o que correspondia a uma taxa de voluntariado de 3.8%. A maior parte destes voluntários desempenhavam trabalho formal, ou seja, enquadrados num contexto organizacional (2.2%). O trabalho voluntário informal, sem a intermediação de uma organização, era desenvolvido por apenas 1.6% das pessoas com 65 anos ou mais. Esta baixa adesão ao voluntariado da população sénior na RAM não é exclusiva da região, mas um reflexo da fraca cultura de voluntariado existente no país. Segundo esse inquérito, apenas 7.8% da população residente em Portugal com 15 anos ou mais desempenhavam trabalho voluntário em Portugal a essa data. Esta estatística baixa para 4.6% quando consideramos a população com 65 anos ou mais³⁸. Não obstante, os dados disponíveis só permitem conhecer a proporção da população idosa em trabalho voluntário e se este trabalho é forma ou informal, não sendo possível uma melhor caracterização desta população e do fenómeno. Uma análise que apenas permite compreender a dimensão do fenómeno é conseqüentemente uma análise limitada na sua capacidade de promover um conhecimento sobre estas temáticas.

A esperança de vida com saúde após os 65 anos é outro elemento importante a ter em conta na definição de políticas públicas orientadas para o envelhecimento saudável. Sabemos que na RAM, entre 2019 e 2021, a esperança de vida de uma pessoa com 65 anos era 17,76 anos, quando a média nacional era 19,44 anos. Esta disparidade entre o resultado regional e o nacional é claramente importante. Não há, no entanto, dados regionais que nos indiquem a média de anos de vida saudável para as pessoas com 65 anos, um dado também ele muito importante quando pretendemos conhecer as condições de saúde associadas ao envelhecimento neste território.

Sublinhamos, por isso, em primeiro lugar a carência de dados disponíveis desagregados por NUTs II, III ou por municípios que nos permitam conhecer a realidade social nos diferentes territórios. Esta é uma limitação importante no conhecimento da pobreza ou exclusão social em Portugal e que não se limita à temática do envelhecimento. Conhecemos o risco de pobreza da população com 65 anos ou mais em Portugal, mas não conhecemos como esta realidade se comporta nas diferentes regiões. Será que, tal como no risco de pobreza para a população residente, a vulnerabilidade económica dos

³⁸ INE, Inquérito ao Trabalho Voluntário

idosos na RAM também é superior à média nacional? Como se distingue o risco de pobreza das pessoas idosas que residem nos territórios densamente povoados comparativamente com os que residem nos territórios com baixa densidade demográfica? A limitação destes dados estatísticos constrange o conhecimento que podemos obter através destas fontes e reforça a necessidade de estudos complementares qualitativos.

A opção de nos centrarmos nos dados dos Censos limitou a nossa leitura, mas permitiu uma análise mais territorializada e mais detalhada das dimensões em causa. Os dados demográficos apontam-nos para uma população onde o envelhecimento tem vindo a acentuar-se através da redução da natalidade, da diminuição da população nos grupos etários mais jovens e do aumento na população com 65 anos ou mais. Esta inversão da pirâmide etária acarreta também riscos ao nível do envelhecimento ativo e da capacidade da sociedade, através das gerações em idade ativa, suprirem as necessidades de assistência e de apoio aos mais idosos. Paralelamente, a vulnerabilidade económica e social também impacta o envelhecimento e a qualidade de vida dos mais velhos. A estrutura etária na RAM, que segue um modelo semelhante ao contexto nacional, com um elevado peso da população feminina com 65 anos ou mais e da população com baixos níveis de escolaridade, aponta também para elevadas taxas de risco de pobreza nesta população.

A atividade profissional da população com 70 ou mais anos na RAM é uma realidade para 1.7% destes idosos e apenas 0.8% mantém o trabalho como principal fonte de rendimento. Uma breve caracterização da população ativa com 70 anos ou mais parece indicar que permanece com uma atividade profissional aqueles que tiram maiores benefícios dessa atividade, seja porque controlam o meio de produção - sendo trabalhador por conta própria isolado ou pequeno empregador, tal como os proprietários do comércio local - ou porque desempenham profissões intelectuais ou cargos de gestão de topo. Contudo, também a este nível é visível o impacto da desigualdade de género que acompanhou essa geração ao longo do seu percurso de vida. O prolongamento da vida ativa, do ponto de vista da participação no mercado de trabalho, é mais predominante entre os homens do que entre as mulheres, e, por outro lado, o perfil das mulheres com 70 anos ou mais inseridas no mercado de trabalho também é distinto. Apesar de se destacar o peso das trabalhadoras por conta própria (isolado), a proporção do trabalho por conta de outrem é claramente superior entre as mulheres com 70 anos ou mais comparativamente com os homens dessa faixa etária. Note-se, por exemplo, a diferença existente na proporção de homens dessa faixa etária inseridos no mercado de trabalho que são *Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos* (15%) e as mulheres que desempenham essa mesma função (7%).³⁹

Não sabemos quantos anos médios de vida com saúde uma pessoa com 65 anos pode viver na RAM, mas sabemos que a proporção de idosos com dificuldades físicas e cognitivas, dentro do leque de dificuldades identificado através dos Censos, é maior na RAM do que a média nacional. Em causa estão dificuldades que condicionam a participação ativa da população mais velha, sobretudo quando não são assegurados os

mecanismos e os instrumentos que permitam a estas pessoas ultrapassarem as suas dificuldades e manterem um maior grau de autonomia. Este é o caso, por exemplo, das pessoas com dificuldade em andar ou subir escadas em que o ato de sair das suas habitações é condicionado pela ausência de elevadores ou de entradas acessíveis a cadeiras de rodas. A perda de autonomia que advém de não estarem garantidas as condições de acessibilidade às habitações tem ainda um impacto potencialmente negativo na saúde mental e na estimulação física e intelectual destas pessoas.

Sublinhamos, porém, que as barreiras físicas de acessibilidade não são as únicas que limitam a autonomia da população idosa e que fomentam um envelhecimento precoce. O atraso no acesso a consultas, tratamentos, medicamentos, terapias ou outras atividades lúdicas, sociais e culturais têm também um impacto importante na saúde e no desenvolvimento/manutenção de competências desta população, sobretudo quando consideramos que se encontram numa faixa etária onde é mais difícil reverter um declínio do funcionamento cognitivo e físico. O acesso atempado e de qualidade aos serviços da área social e da saúde são, por isso, essenciais para a promoção do envelhecimento saudável e digno.

Sublinhamos por fim que promover o envelhecimento saudável não se resume a uma política orientada especificamente para a população com 65 anos ou mais. Os comportamentos adotados ao longo da vida, assim como as condições de vida associadas à pobreza e a exclusão social, refletir-se-ão na fase final da vida. Por essa mesma razão, a promoção de um envelhecimento saudável deve ser enquadrada ao longo de todo o percurso de vida das pessoas. Nesse sentido, as políticas de combate à pobreza, de promoção do acesso a serviços públicos de qualidade e de promoção da solidariedade intergeracional são essenciais para um envelhecimento positivo e ativo.

Referências Bibliográficas

Cruz, Paula. 2022. Participação das Pessoas Idosas na comunidade: documento orientador. EAPN Portugal. Disponível em <https://www.eapn.pt/centro-de-documentacao/participacao-das-pessoas-idosas-na-comunidade-documento-orientador/>

Guralnik, J.M. and Kaplan, G.A. (1989) Predictors of Healthy Aging: Prospective Evidence from the Alameda County Study. American Journal of Public Health, 4, 501-518. Disponível em <https://ajph.aphapublications.org/doi/epdf/10.2105/AJPH.79.6.703>

INE. 2019. Inquérito ao Trabalho Voluntário I 2018. Destaque à comunicação social de 19 de julho de 2019. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=379956830&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt

ONLCP. 2021. Boletim #7 – A Saúde Mental em Portugal: um breve retrato epidemiológico. Disponível em <https://on.eapn.pt/boletins/boletim-07/>

Organização Mundial da Saúde (OMS). 2002. Active Ageing: A Policy Framework. Switzerland: WHO. Disponível em <https://extranet.who.int>.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). 2020. Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/14-12-2020-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento>

UNECE. 2019. 2018 Active Ageing Index: Analytical Report. Genebra: UN. Disponível em https://unece.org/DAM/pau/age/Active_Ageing_Index/ECE-WG-33.pdf

Base de dados consultadas

Eurostat, European Health and Social Integration Survey

Eurostat, European Health Interview Survey (EHIS)

Eurostat, Health variables of EU-SILC

INE, Indicadores demográficos

INE, Inquérito ao Trabalho Voluntário

INE, Inquérito às condições de vida e rendimento

INE, Inquérito nacional de saúde (série 2014)

INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021



Rua de Costa Cabral, 2368, 4200-218 Porto
Tel: +351 225 420 806 / elizabeth.santos@eapn.pt
www.on.eapn.pt / www.eapn.pt